XXVII ANNO PORTO, 1 DE FEVEREIRO DE 1905 NUMERO 3

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: **José Fructuoso da Fonseca**—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.

Monsenhor Manuel Marinho

SUMMARIO

Texto

Mgr. Manoel Marinho (perfil).
Chronica Quinzenal, por P.
Secção Piedosa: Indicador religioso da quinzena. — Evangelho. — Apostolado da oração. — A sagrada familia, por Rachel.
Questões actuaes: Como é protegida a imprensa catholica, por Affonso.
Secção de controversia: — Jesuitas e Liberaes (continuação) por Um Catholico.
Secção poetica: — Hymno ao Mar, poesia, pelo Dr. A. Jorge d'Almeida C. Lemos Ferreira.
Boletim scientifico: — Medicação maritima, pelo Dr. ***
Retrospecto da Quinzena.

Gravuras

Mgr. Manoel Marinho.
Resignação (quadro de R. Faruzi).
Pulpito de Santa Cruz.
A caminho do templo.

Monsenhor Manuel Marinho

Na nossa galeria tem hoje honrosa cabida o perfil d'um illustre sacerdote.

Regosija-se immenso o *Progresso Catholico*, por ter occasião de prestar esta pobre mas sincera homenagem a um verdadeiro ministro do Senhor, porque com isso põe em pratica mais um meio de propaganda em prol das doutrinas de Jesus.

De feito, apontar á contemplação dos homens as excelsas virtudes christãs, ainda que a coberto pela mais evangelica modestia, encarnadas em um digno sacerdote, affigura-se-nos do mais alto poder de exemplo e estimulo.

Bem sabemos que por este meio melindramos pungentemente o apontado, pois que elle não deseja ser posto em foco; mas, mais que tudo, temos que dar largas á nossa admiração, patenteando-a por qualquer modo que envolva respeito e estima.

E' isto o que fazemos, perdoando-nos s. rev.ma o arrojo da licença.

Em Mgr. Marinho admiramos de ha muito o sacerdote modellar, illustradissimo, d'um coração bondoso e cheio de zelo.

No desempenho do seu munus sacerdotal, é rigorosissimo como ninguem, entretecendo-o ainda com o pesado encargo do ensino escolar.

Na imprensa catholica é em extremo conhecido pelos seus bellissimos trabalhos em livros e em jornaes para onde tem escripto artigos primorosissimos.

Quem não conhece a *Imitação de Christo*, o "melhor livro depois da Biblia produzido pelo engenho do homem", cujas notas feitas por s. rev.ma foram consideradas por um abalisadissimo professor de sciencias ecclesiasticas, eguaes, senão superiores ao proprio texto?

Sobresahe ainda em Mgr. Marinho a brilhante qualidade de orador. Ainda está na memoria de todos o seu notavel discurso pronunciado no Congresso Catholico do Porto em 1900, sendo considerado um dos melhores senão o melhor que então alli se ouviu.

D'uma modestia sem egual, possuindo um real valor, votou-se á obscuridade. E' por isso que nos fraqueja a penna ao querermos salientar alguma das suas virtudes, tantas e em tão elevado grau ellas são.

Muito bem o comprehendeu a Santa Sé, agraciando-o com um testemunho publico de consideração e estima, como foi a nomeação de Monsenhor.

Acceitando-o s. rev.ma, ainda que com pezar, não fez mais que acatar a vontade que lhe impunha o Vigario de Jesus Christo sobre a terra.

E terminamos declarando que não era bem isto o que quereriamos dizer de Mgr. Marinho, tão pobres e desataviadas são estas palavras; mas antes, sim, quereriamos prestar preito ás suas virtudes e apontal-as como modelos aos christãos.

Sirva-nos de consolação este pensamento e releve-nos s. rev.ma a pobreza da homenagem e a offensa á sua modestia.

Chronica Quinzenal

Ainda não se apagaram de todo os ultimos echos da sensacional noticia da rendição de Porto Arthur.

Este facto importante fizera convergir de novo as attenções para o extremo Oriente, onde se desenrola ainda essa gigantesca lucta entre dois grandes exercitos.

Afim de cumprir o nosso escopo, vamos tentar fazer muito resumidamente a historia d'esta guerra.

A Russia, por occasião da revolta dos boxers na China, tinha occupado a Mandchuria, sob pretexto de salvaguardar n'estas paragens os seus interesses.

Após interadas reclamações do Japão nos ultimos mezes de 1903, a diplomacia russa ia sempre adiando uma resposta definitiva.

O Japão tornava-se cada vez mais energico nas suas reclamações, ao passo que se accentuava n'este paiz um forte movimento em favor da guerra. A Russia pela sua parte não estava preparada para esta eventualidade, e assim pediu para ser consultado o almirante Aleixief que tinha ido ao Oriente. Havendo-se fixado um dia para a resposta definitiva, não chegou ella a Tokio, resolvendo-se então o Mikado a romper as relações.

Esta ruptura foi officialmente annunciada a 7 de fevereiro e na noute de 8 apparecia a esquadra japoneza deante de Porto Arthur e surprehendia a frota russa, causando-lhe grandes avarias. No dia 9 de fevereiro, a frota japoneza, commandada pelo almirante Togo, deu um novo combate á esquadra russa, avariando-lhe tres navios. No mesmo dia uma esquadra japoneza surprehendeu dois navios russos no porto de Chemulpo, mettendo-os ao fundo.

O almirante Togo tentou «engarrafar» a esquadra russa dentro da bahia de Porto Arthur, apoz estas primeiras operações navaes, que deram uma vantagem capital aos japonezes.

Entretanto começaram os desembarques de tropas japonezas em Chemulpo, estabelecendo-se em Seul, capital da Coreia, onde proclamaram o protectorado.

Durante março e abril continuaram os desembarques á vontade por varios pontos da Coreia; a esquadra continuava paralysada em Porto Arthur, e a pequena esquadra de Vladivostock, descendo até Gersan, aprisionou varios navios mercantes e metteu a pique um transporte japonez.

Em abril deu-se a catastrophe do *Petropalowski*. O navio almirante russo tocou n'uma mina submarina deante de Porto Arthur e foi immediatamente a pique, morrendo o almirante Makharoff e 800 marinheiros.

Póde-se considerar esta catastrophe como marcando a primeira phase da campanha. Começaram depois os primeiros encontros dos cossacos no Ialu com os postos avançados japonezes, que tinham desembarcado na Coreia.

Em 2 de maio o general Lazoulicht foi batido em Kiolentse pelo general Kuroki, que atravessou o Ialu com um exercito de 50:000 homens.

Começou então a desenrolar-se nitidamente o plano de campanha dos japonezes: emquanto o grosso do exercito de Kuroki ia em direcção de Liao-Yang ao encontro do exercito russo, outro exercito abria caminho para Porto Arthur.

Aleixief resolveu abandonar a praça de Porto Arthur, encarregando da sua defeza o general Stoessel com uma guarnição de 25:000 homens.

Em 26 de maio os japonezes deram uma grande batalha em Kincheu; a victoria custou-lhes 4:000 homens, mas tomaram Nauchau de assalto. Em 15 de julho o general Nodzu infligiu uma sangrenta derrota ao general Stackelberg, que pretendia soccorrer Porto Arthur.

Começaram então a accentuar-se as desintelligencias entre Kuropatkine e o vice-rei Aleixief. Vingou por ultimo o plano d'aquelle que consistia em retirar-se para o centro da Mandchuria, atrahindo os japonezes para um terreno desfavoravel.

Os japonezes conheceram logo este plano, e marcharam para o norte em direcção a Liao-Yang, divididos em tres columnas, commandadas respectivamente pelos generaes Kuroki, Nodzu e Oku.

Entretanto combatia-se heroicamente em Porto Arthur, e a pequena esquadra de Vladivostock chegou a fazer alguns *raids* de sensação.

No dia 1 de agosto os tres exercitos japonezes da Mandchuria começaram uma serie de operações que deu optimo resultado: Kuroki dirigiu-se para Hitsnate, Nodzu para Chim-cheng, e Oku para Hai-cheng. Os russos resistiram desesperadamente. Quarenta e oito horas estiveram os dois exercitos em fogo, mas as tropas do tsar succumbiram. Desde este momento os russos perderam a esperança de soccorrer Porto Arthur.

O marechal Oyama marcha impavidamente para o norte em perseguição dos russos, e em Porto Arthur os japonezes tomam algumas posições, que tornam impossivel a situação da esquadra.

Então o almirante Skrydloff, commandante das forças navaes de Vladivostock, concebe um plano que consistia na sahida dos navios a todo o vapor de Porto Arthur, juntando-se depois no estreito da Coreia.

Foi no dia 10 de agosto que se realisou esta sortida. Foi um desastre para os russos.

O almirante Togo, conhecendo o plano dos russos, esperava a esquadra de Porto Arthur nas alturas de Chefu, e o almirante Kaminura esperava a esquadra de Vladivostok no largo de Tsashina. A maior parte dos navios russos ficou seriamente avariada, ficando morto o almirante Witheft, successor de Makharoff.

Emquanto o almirante Togo destruia assim esta esquadra, o almirante Kaminura alcançava a de Vladivostok. Dos seus tres cruzadores, o *Rurik* foi a pique, e os outros dois, muito avariados, conseguiram fugir, entrando de novo no porto.

Sendo então offerecida uma capitulação de guerra á guarnição de Porto Arthur, o general Stoessel repelliu-a, fiado na esperança de ser soccorrido pela esquadra do Baltico.

Em 20 de agosto começa a haver grande movimento nos tres exercitos, que operavam em direcção de Liao Yang.

N'esta posição achavam-se formidavelmente fortificados os russos. Se fôssem bem succedidas poderiam ir em soccorro de Porto Arthur, em caso de derrota tinham livre o caminho de Mukden.

A acção geral começou no dia 21 de agosto pela occupação de Nanchan-chan pelas tropas do general Oku. Os japonezes occupavam posições solidas em semi-circulo deante da cidade: os exercitos de Oku e Nodzu ameaçavam o ataque de frente, emquanto o general Kuroki avançava em direcção de Ientae e tentava tornear a ala esquerda russa, cortando assim a retirada a Kuropatkine.

Foi formidavel a batalha. O combate durou cinco dias. A lucta esteve indecisa até ao dia 30, mas na noite d'esse dia o flanco esquerdo do exercito russo foi ameaçado de improviso por Kuroki, e Kuropatkine teve de retirar.

Foi para os japonezes uma grande victoria, pois que de ambos os lados era quasi egual o numero dos combatentes—180:000 homens.

Os japonezes estabeleceram o seu quartel general em Liao-Yang. Descansando um pouco, iniciaram um movimento em direcção a Mukden, aterrorando os russos, que pensaram em tranferir-se para Karbine.

Então Kuropatkine publicou, em meados de outubro,

uma ordem do dia, declarando tomar a offensiva. Queria, por sua vez, cortar a retirada aos japonezes, retomar Liao-Yang e soccorrer Porto Arthur.

Concentrou uma massa formidavel de tropas contra o exercito de Kuroki, deixando em frente dos outros exercitos japonezes simples linhas de tropas para os conter em respeito. Foi um grande desastre. Os exercitos de Nodzu e Oku exerceram tal pressão sobre a ala direita e centro dos russos que Kuropatkine teve de desistir do seu movimento torneante, temendo ser elle o envolvido. Estas operações desenrolaram-se nas margens do Cha-Ho, perdendo os russos para cima de 35:000 homens.

Ia-se tornando cada vez mais critica a situação de Porto-Arthur. Os japonezes renunciaram ao systema dos assaltos furiosos que lhes custavam muitas vidas; mas trataram de apertar o bloqueio e varejar de artilharia as posições inimigas.

As forças sitiantes commandados pelo general Nogi apoderaram-se dos fortes exteriores, cuja defeza por vezes lhes foi difficil conservar. Para attingir os fortes principaes tiveram de minar as proximidades e usar de granadas de dynamite. Foi assim que depois d'um combate de cinco dias alcançaram a collina de 203 metros que domina a cidade e todo o porto. A occupação d'esta posição foi em extremo vantajosa para os japonezes. Por ella poderam destruir o resto da esquadra russa. Só o *Sebastopol* se pôz em abrigo, mas os torpedeiros japonezes metteram-no a pique.

Nos ultimos dias de dezembro o exercito de Nogi apertou ainda mais o cerco, alcançando posições importantes, que lhe deram a chave da cidade. Estipulou então uma capitulação com o general Stoessel, o que se effectuou definitivamente.

Eis, pois, em resumo os principaes factos da guerra russo-japoneza até ao presente.

P.

A resignação

QUADRO DE R. FARUZZI.

Secção piedosa

Indicador religioso da quinzena

Fevereiro

1—Quart. S. Ignacio, B. M. Jejum, excepto no Bispado de Vizeu e antigo de Elvas. Dispensa de abstinencia de carne para os fieis que satisfizerem as condições do indulto.
2—Quint. *Purificação de Nossa Senhora.* Dia santo de guarda.
3—Sext. (Abst. de carne). S. Braz, B. M.
4—Sab. S. André Corsino, B. O Beato João de Brito, M. portuguez.
5—Dom. (5.º depois dos Reis) S. Agueda V. M.
6—Seg. As Chagas de Christo. S. Dorothea, V. M.
7—Terç. S. Romualdo, Ab.
8—Quart. S. João da Matha, conf. e fundador da Ordem da SS. Trindade.
9—Quint. S. Apolonia, V. M.
10—Sext. (Abst. de carne). S. Escholastica.
11—Sab. S. Lazaro, B. (47 anniv. da 1.ª apparição de N. Senhora em Lourdes).
12—Dom. (6.º depois dos Reis) Santa Eulalia, V. M.
13—Seg. S. Gregorio II, Papa.
14—Terç. S. Valentim, M.

Evangelho

(4.º *Dom. depois da Epiphania*)

N'aquelle tempo, entrou Jesus n'uma barca, acompanhado dos seus discipulos, e de subito levantou-se no mar tão grande tempestade, que a barca era coberta pelas vagas. Jesus, porém, dormia.

Então se aproximaram d'elle os seus discipulos e o accordaram, dizendo-lhe: «Senhor, salva nos, que perecemos.

Respondeu-lhe Jesus:

Porque temeis, homens de pouca fé?»

E, erguendo-se, mandou aos ventos e ao mar, e fez se grande bonança.

Todos então ficaram cheios de espanto e diziam: «Quem é este a quem os ventos e o mar obedecem?»

(*S. Matheus, cap. VIII, 23-27*)

Apostolado da Oração

Intenção geral de Fevereiro.—**O ensino do cathecismo.**

Oração quotidiana durante o mez: — Dulcissimo Coração de Jesus, eu vos offereço, por meio do Coração Immaculado de Maria, as orações, obras e soffrimentos d'este dia, em reparação de nossas offensas e por todas as intenções, pelas quaes vos immolaes continuamente sobre o altar. Eu vol-as offereço em particular, pela prosperidade das obras do cathecismo.

Resolução apostolica: — Contribuir do melhor modo possivel para as obras do cathecismo.

Pensamentos

Sujeite se o corpo ao espirito e o espirito a Deus, e consegui-se toda a perfeição do homem.—*Sam Prospero.*

Tende grande confiança em Deus; que a sua misericordia excede infinitamente a todas as vossas miserias.— Beata *Margarida M. Alacoque.*

Ao homem que se envilece pelas suas acções, de que lhe serve uma ascendencia illustre? ou que perde por baixo nascimento aquelle a quem seus costumes ennobrecem?— *S. João Chrysostomo.*

—

A Sagrada Familia

E' um facto verdadeiramente triste a preversão da sociedade, a corrupção dos costumes e o desprezo d'aquella lei, que antes de annuncial-a o céu por entre o fulgor do raio e o som pavoroso do trovão, havia sido gravada no coração do homem pelo dedo omniptente do Creador. Ao experiencia, que o facto nos ensina, dicta-nos ao mesmo tempo que se a sociedade se acha contaminada, se caminha pelas sendas da perdição, obedece em grande parte a que a familia, elemento constituitivo da mesma, fez desapparecer do seu seio o amor, que a natureza impuzera áquelles que ligados pelos vinculos do sangue deviam compartilhar por largo tempo as ditas e as penas, os bens e os males, amor que nas almas santas se havia convertido em caridade sobrenatural, e a que a Egreja deu novo realce de graça por meio dos Sacramentos, que lhe legou o seu divino fundador. Faltando essa caridade toda divina, toda amavel e toda santa, forçoso era que minguasse a auctoridade, que devia reger essa sociedade typo.

Sem entranhas de verdadeiro amor, o poder difficilmente deixa de ser despotico, ou pelo menos apparece pouco regulado e conforme ás leis da equidade, maximé d'aquella equidade doce e benigna, que deve reinar em um pae, palavra que se toma como synonimo de amor. E sem caridade, nem a esposa nem os filhos saberão guardar a submissão, á qual se acham obrigados para com o pae.

Qual será o resultado d'um mandar sem amor e d'um obedecer sem caridade? A divisão, a anarchia, e ainda ás vezes o odio mais cruel na familia, n'esse conjuncto de pessoas unidas pelo sangue e que deviam, ao mesmo tempo, achar se tambem estreitadas pela graça e pelo amor, contribuindo d'este modo em introduzir no mundo a paz social. Sem essa chamma divina accendida no logar domestico pelo dador de todo o dom perfeito, a familia christã jámais conseguirá chegar aos fins elevados, a que Jesus Christo a destina na reforma da sociedade; antes conduzirá esta a uma ruina inevitavel.

Bem o comprehendeu a Egreja Catholica, Mestra infallivel, que, desejosa de dar um remedio aos males da sociedade christã, e conhecendo a fundo que o mal d'esta se arraiga na familia, com essa providencia sabia, ao mesmo passo que amorosa, que tanto a enaltece, intituiu a festa da Sagrada Familia, Jesus, Maria e José, afim de que, olhando-se n'esse divino modelo a familia christã, tratasse de compor as suas acções e regular o seu porte conforme o exemplar que se lhe propõe.

Cheia de enthusiasmo a Santa Egreja, como segura de haver achado o remedio infallivel para essa gangrena universal, dirigindo-se a todos os seus filhos e em especial ás familias christãs, lhes disse como em outro tempo Deus a Moysés: Olhae e fazei segundo o exemplar que vos foi mostrado, Jesus, Maria e José; são esses quem deveis imitar. Sois pobres e desvalidos? Que pobreza mais extrema que a de Jesus, Maria e José, aquartelados em um desamparado estabulo de animaes! Sois ricos e opulentos? Que maior riqueza e opulencia em graça e santidade que a de Jesus, Maria e José! Sois moradores em sumptuosos palacios, e vestis sedas e brocados? Pois Rei de reis era Jesus e oriundos da real estirpe de David são Maria e José. A ninguem se exclue, todos, todos tendes muito que imitar n'essa Familia typo, n'esse modelo que o mesmo Deus quiz offerecer ao mundo em prova do seu grande amor.

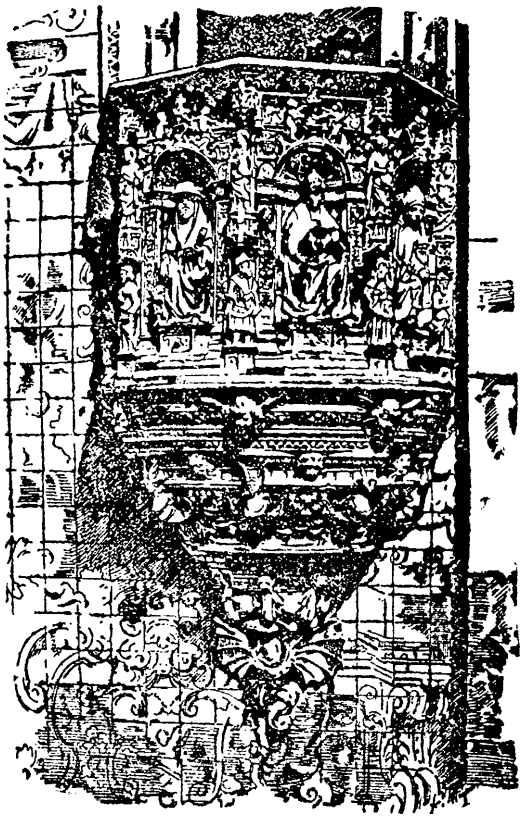
Viveis na miseria, nos andrajos e nas tribulações? Pois a Sagrada Familia alenta-vos e anima-vos desde o presepio. Alli supporta os rigores do frio e experimenta os effeitos d'uma indigencia extrema. Breves dias haviam passado depois de formar-se aquella Sagrada Familia quando ella se vê obrigada a emprehender a fuga por sendas desconhecidas e em regiões nunca por ella vistas. Sua vida, passada na obscuridade, occupada no trabalho, cheia de privações inherentes ao seu estado humilde, porém adornada de virtudes, entretecida de boas obras e deslisada no meio da paz celestial, respirando sempre uma alegria e contentamento que arrastavam e captivavam ainda os corações mais frios e indifferentes, deve ser o timbre de toda a familia que se preze de catholica.

Abundaes em riquezas? Pois não vos enchaes de orgulho, nem desprezeis os necessitados, antes soccorrei-os com o que o Senhor depoz nas vossas mãos. Honrada se viu a Sagrada Familia com a vinda dos Reis Magos a adorar o Menino, enriquecido, d'algum modo, com os presentes que lhe trouxerem; sem embargo, não mudou de condição, não se ensoberbeceu, e na offerenda dos primogenitos figurou ao lado dos pobres.

Olhemo-nos, pois, todos, absolutamente todos n'este Espelho purissimo de virtudes, e cada qual conforme ao seu estado procure copiar em si as que mais lhe convenham, e d'este modo, imitando a Sagrada Familia durante a nossa peregrinação na terra, receberemos na hora da morte a sua benção.

RACHEL.

Arte religiosa



Pulpito de Santa Cruz

Questões actuaes

Como é protegida a imprensa catholica

Por ser d'uma flagrante verdade e ainda por se adaptar perfeitamente ao nosso caso, transcrevemos o artigo que se segue do nosso presado collega *A Palavra*, chamando para elle a attenção dos nossos leitores:

«As emprezas catholicas não sei como vivem. Poucos serão os leitores que imaginem e calculem ao justo as difficuldades que se lhes defrontam e que precisam de vencer, se quizerem viver.

E' facil criticar, porém mui difficil bem obrar.

D'um jornal catholico são tantos os criticos quantos os leitores; raro será o leitor que se confesse inteiramente satisfeito; e o que é peor: egualmente raro é o leitor que da sua parte empregue todos os meios ao seu alcance para remediar os males que critica.

Nos liberaes toleram-se todos os defeitos ou se suppõem compensados com alguma boa qualidade que tenham; o jornal catholico, porém, esse querem-no irreprehensivel e além d'isso capaz de satisfazer aos varios gostos dos leitores. Não se lhe soffre um deslise, embora de pouca monta; não se lhe soffre uma incoherencia, posto que sem importancia; não se lhe soffre a sua orientação, se não se harmonisar com o nosso modo de vêr.

O jornal catholico nas suas referencias pessoaes é preciso que se contenha dentro dos limites da caridade; mas ha leitor tão descontentadiço que não admitte caridade senão como elle a entende.

Se a critica é um pouco mais azeda; se as virotadas se tornam mais percucientes; se o vigor das coarctadas sóbe na medida da affronta, embora não transpareçam indicios de rancor ou odio pessoal e tão sómente se queira defender a verdade com a viveza e valentia que é necessaria para a fazer triumphar, não faltam logo alguns leitores que desaprovam tal procedimento, invocando a mansidão evangelica e mostrando receios de se compremetter a causa catholica.

Que variedade de apreciações e exigencias da parte dos assignantes! e todos muito persuadidos de que o seu modo particular de julgar é o mais sensato e o mais attendivel!

Uns querem que o jornal seja mais noticioso que doutrinario, que seja um transsumpto de todas as occorrencias futeis, de todos os casos miudos, d'esses mil nonadas quotidianos com que se entretece a vida da sociedade.

O jornalista ha de ser um podengo de levante que farisque todas as ruas, todas as praças, todos os beccos, todos os logares de reunião, todas as repartições publicas, e no outro dia estampe no jornal quanto viu e ouviu sem perda d'um jota ou d'uma virgula.

Um jornal noticioso, anecdotico, um pouco coscuvilheiro, que note todos os homens d'alguma consequencia, eis o ideal d'uma boa parte de leitores.

Outros, pelo contrario, querem noticias, mas unicamente de festas importantes, e sobretudo que o jornal seja doutrinario e instructivo, que verse as questões da actualidade com largueza e desenvolvimento e que percorra todas as modalidades da actividade humana: sciencia, industria, lettras, artes, commercio, agricultura, politica, etc.

Estes pretendem que o jornal seja completamente estranho ás contendas politicas, que não falle pró nem contra alguma parcialidade, ou que, se falar n'este ou n'aquelle agrupamento partidario, o faça sem uma palavra de louvor ou de censura.

Aquelles, ao invéz, querem que o jornal tenha um bem accentuado caracter politico, e que vá commentando os actos de todos os partidos, não faltando todavia á lealdade nem á justiça.

Est'outros pugnam por que o jornal exponha a verdade em toda a sua nudeza, sem contemplações nem confeitações, doia a quem doer e pese a quem pesar.

Aquell'outros, a revez, clamam que a verdade irrita em logar de attrahir, se não fôr exposta com uns certos temperamentos e suavidades, e que não convém perder de vista as opportunidades para dizer algumas coisas mais amargas. Qual deseja que o jornal catholico se occupe principalmente de assumptos moraes e religiosos; qual pretende que elle seja seguro nos principios, mas que trate com mais largueza assumptos profanos para não cheirar muito a sachristia. Uns querem typo miudo para abranger mais assumpto, outros pedem lettras graúdas para não estragarem a vista. Ora como será possivel contentar a gostos tão variados e a desejos tão exquisitos? E o que é peor é que uma grande parte dos leitores são intransigentes no seu criterio particularista, não admittem contemplações com um jornal que não lhes saia ao paladar.

Dá elle uma noticia que julgam escandolosa ou malsoante? E' logo devolvido ou suspenso, como castigo da sua inadvertencia ou do seu modo de pensar. Deixa de dar uma noticia que era esperada com anciedade, ou de ventilar umas questões que pareciam despertar interesse? Fóra com elle, não serve, não está em conformidade com a actualidade.

Pobres dos directores dos jornaes catholicos, que lhes ha de suar o topete para adivinharem as preferencias dos seus leitores!

A cada passo as emprezas estão a receber devoluções e suspensões dos seus periodicos por motivos sem importancia e até ridiculos. O leitor que suspende a assignatura d'um jornal por um d'estes motivos, onde quer que apparece manifesta o seu descontentamento, quasi sempre exaggerando-o, o que é d'um effeito prejudicial para aquelles que não conhecem o jornal ou não teem um criterio sufficiente para o julgar. E' quasi certo que lhe seguem o exemplo.

Ora, por amor de Deus, é necessario que sejamos mais tolerantes com as emprezas catholicas e as coadjuvemos por todos os meios possiveis. Devemos estar convencidos que, se não fazem melhor, é porque não pódem.

Póde-se affirmar sem receio de faltar á verdade, que todas luctam com falta de recursos, que todas vivem com mais ou menos difficuldade. E n'estas condições é claro que alguma coisa hão-de deixar a desejar.

Por conseguinte o nosso dever é desculparmos-lhes algum defeito ou imperfeição que deprecie as suas publicações. Além de que, se ha algum leitor que se julgue com posses de fazer melhor, porque se detém, sabendo a imprescindivel necessidade da imprensa catholica? O que não se póde tolerar é que se detráia d'esta imprensa e não se empreguem nenhuns meios de a melhorar.

Os individuos que estão á frente dos jornaes catholicos, não são obrigados por titulo nenhum a fazer mais sacrificios que os seus leitores, em prol da boa imprensa. Bastam-lhes os trabalhos, as canceiras e contradicções que soffrem para relevar os seus meritos. Em compensação é necessario que o leitor os auxilie já com meios pecuniarios, já com o seu apoio moral.

Na defeza da nossa causa não deve haver amúos, que, infelizmente, são tão frequentes. O interesse é de todos, por isso todos se devem sacrificar.

AFFONSO.

A caminho do templo

Secção de controversia

—

Jesuitas e Liberaes

(Continuação)

—

XVI

JESUITAS E JESUITAS

Alguns individuos, por ignorancia ou maledicencia e até por ambos os motivos, não distinguem as diversas ordens religiosas e chamam Jesuitas aos membros de qualquer d'essas corporações.

E, principalmente, chamam Jesuitas aos Lazaristas e Lazaristas aos Jesuitas, posto que cada uma d'essas instituições nada tenha com a outra, nem na origem nem nos seus estatutos.

A congregação dos Jesuitas foi fundada por Santo Ignacio de Loyola em 15 de Agosto de 1534 e approvada canonicamente em 17 de Setembro de 1540.

A congregação dos Lazaristas ou Padres da Missão, fundada por S. Vicente de Paulo em 1625, foi approvada por Urbano VIII em 1632.

Já se vê, que entre a instituição de uma e a da outra, mediou um espaço de perto de cem annos.

E por esta forma, chamam Jesuitas aos membros da Ordem de S. Bento, posto que esta houvesse sido instituida nos fins do quinto seculo; aos membros das Ordens de S. Bernardo e aos de S. Romualdo (ou Camaldulos), aos Brunos (ou Cartuchos), aos trinitarios e outros, posto que houvessem sido instituidas no decimo primeiro, no decimo segundo e no decimo terceiro seculos; aos franciscanos, aos dominicos e aos agostinhos e até aos carmelitas, posto que taes ordens houvessem sido fundadas pouco depois d'aquellas.

E assim, successivamente, confundem ou fingem confundir o Instituto de Santo Ignacio de Loyola com outros muitos ou antes com todas as congregações religiosas de quaesquer epocas, de quaesquer especies, de todas as origens e de variados fins.

*
* *

Mas, os que commetem taes anachronismos e espalham taes doutrinas, ainda vão mais alem.

Para elles são jesuitas todos os clerigos, especialmente os mais serios, os mais morigerados, os mais amantes de cumprirem os deveres, que lhes impõem as leis da sua classe, e os mais desejosos de serem obedientes aos seus chefes.

Para aquelles propagadores de ideias liberaes, todos os missionarios são jesuitas e todos os que vão pregar fóra da localidade, onde vivem ou se junctam para quaesquer conferencias ou exercicios religiosos, ou para as confissões em dias de jubileu, ou para tomarem parte em qualquer festividade.

E ainda ha mais. E' um jesuita qualquer secular, que frequenta os sacramentos; que não quer faltar á missa; que gosta de assistir ás festividades e está com respeito nos templos e n'elles reza, ou reza ou em sua casa e com sua familia.

E' um jesuita o que tem na sua habitação uma estampa, uma imagem, um oratorio, um crucifixo, um emblema religioso ou um livro de orações.

E' um jesuita todo o individuo, que promptamente paga as suas dividas e que, entendendo, que, para ser honrado, deve ser virtuoso, evita o endividar-se, não faz gastos superfluos nem se mette em despesas, superiores aos recursos, com que pode contar.

E' um jesuita o que evita as occasiões de peccados e se lamenta e chora, se acaso os houvér commettido.

E', porém, muito mais jesuita, se elle, como peccador arrependido, vae procurar, na penitencia, o remedio para os seus erros e, por este meio, trata de purificar o seu espirito e de reconciliar-se com Deus.

*
* *

Quando chegam a qualquer povoação uns missionarios, ainda que chamados pelo prelado diocesano e muito embora nada tenham com as congregações monasticas, já não falta quem diga, que chegaram jesuitas; que está tudo perdido; que levam as mulheres e filhas dos liberaes; que está a patria em perigo e que em mais perigo está a liberdade.

E' bem sabido, que não poucas vezes, n'essas occasiões, certas tendeiras, approveitando o ensejo de poderem ganhar algumas quantias, ali apparecem, expondo á venda rosarios, corôas, livros mysticos, estampas, cruzes e outros objectos similhantes.

Em geral, os missionarios nada têm com essas mulheres nem com os lucros ou prejuizos, que ellas podem ter com taes negocios.

No entanto, não falta logo, quem diga, que os missionarios lucram com esses negocios; que as tendeiras são as concubinas dos missionarios; e que estes aconselham os ouvintes, a que comprem taes objectos, porque lucram com isso.

E, quando a missão é terminada e essas tendeiras têm de ausentar-se, tambem não falta, quem grite contra aquelles negocios, dizendo, que as taes *concubinas* e os missionarios levaram, da respectiva localidade, uma grande quantidade de centos de mil reis.

Esses praguentos estão no caso d'aquelles individuos, a quem o ebrio dizia: «Vós olhaes para o vinho, que bebo, mas não olhaes para as quedas, que eu dou.»

Na verdade, essas mulheres quando retiram de uma localidade, onde tiveram as suas tendas durante qualquer missão, podem levar alguns centos, para não dizermos apenas algumas dezenas de mil reis.

Mas perguntamos nós: Esses objectos não custaram dinheiro ás tendeiras? Estas não haviam de gastar algumas quantias com o seu sustento, dormida, lavagem de roupas, jornadas e outras despezas? Não estão sujeitos a estragarem-se-lhes alguns d'esses objectos, a perderem-se, ou a serem roubados?

De mais, ninguem é nem póde ser obrigado a comprar taes objectos. E, se os missionarios aconselham, a que se comprem, tambem ninguem é obrigado a seguir taes insinuações.

Os taes liberaes, escrupulosos e honradissimos e sempre tão limpos de mãos e de consciencia, lamentam, que os devotos ingenuos e sinceros gastem alguns vintens ou alguns tostões com a compra de taes objectos. E, no entanto, não lamentam o que por ahi se gasta em touradas, espectaculos crueis e barbaros; com os circos e pateos de comedias; com as companhias dramaticas e com os beneficios para actrizes; com bailes theatraes e campestres e com outros divertimentos, que tanto estragam a saude e a moralidade publica, arruinam os haveres das familias, que não pódem dispôr de grandes meios. E, não poucas vezes, os emprezarios de taes espectaculos retiram-se das localidades, ou levando grossas quantias ou deixando escandalosas dividas.

E, como isso, são algumas companhias, bancos e outras associações, onde nem sempre as vantagens dos estatutos estão conformes com a probidade dos agentes e dos fundadores.

E a tal respeito não faremos mais considerações.

*
* *

Mas ainda não ficam por aqui os males, causados pela influencia dos jesuitas e pelo interesse, que elles podem ter em diversos negocios.

Attribuem-lhes grandes crimes, como dissemos! E até, n'um comicio contra elles, chegou um orador a dizer, que «quasi todos os crimes, que em Portugal se commettiam, eram causados pelos jesuitas.»

De modo que os jesuitas são a causa dos contractos simulados; das quebras fraudulentas; dos testamentos falsos; dos contractos leoninos; dos abusos de confiança; das desordens e das arruaças; das propinações de veneno e até dos sacrilegios.

No tempo dos Cabraes, tudo lhes era attribuido e por isso não faltava quem dissesse:

Se nos campos ha pardaes,
E' por culpa dos Cabraes.

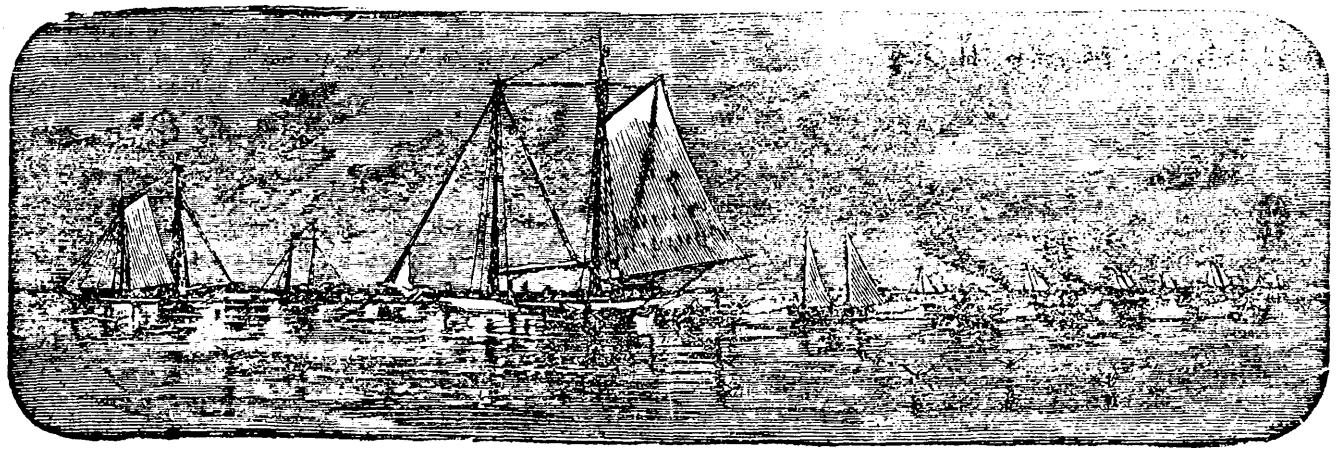
Se as coisas não correm bem,
Os Cabraes as culpas tem.

Em Portugal ha chupistas
Por causa dos cabralistas.

Nós, parodiando essas e outras rimas, poderiamos, talvez, dizer:

Os povos estão perdidos,
O mundo está desgraçado,
Por causa dos maus conselhos,
Que os jesuitas têm dado.

(*Continua*). UM CATHOLICO.



Secção poetica

HYMNO AO MAR

¡Salvé undoso mar, oh! sombra do infinito!
Salvé amplidão deserta, oh! venerando Atlantico,
Que em harpa secular, em rochas de granito,
Vaes entoando um hymno, um admiravel cantico!

O som embalador de tua voz potente,
Este espraiar de vista em tuas solidões,
Eleva o pensamento aos pés do Omnipotente,
Desdobra e faz lembrar passadas illusões.

¡Que magico condão, que encanto suggestivo,
Tu, Oceano, tens, abrigas no teu seio,
Ao espelhar-se em ti esse fulgôr tão vivo
Da vespertina estrella, em carinhoso enleio!

Sobre ti se recurva o azul da immensidade,
Luminoso docel d'esses dominios teus,
Que proclamam bem alto, e de edade em edade,
O infinito poder da augusta mão de Deus.

Ao descahir da tarde o accento murmuroso,
Que soltas ao banhar além a extensa praia,
Parece um despedir, um canto bem saudoso,
Ao sol que vae descendo e n'amplidão desmaia.

E quando o astro-rei nas aguas já descança,
Apaga os lumes seus na liquida planura,
E, lá no Oriente, emerge a lua, e se balança,
Subindo no horisonte immaculada e pura:

Então suspiras tu, arquejas docemente,
Ergues teu dorso enorme ás campinas cérulas,
E tua branca espuma, em attracção fremente,
Transforma-se em sendal de prateadas perolas.

Na tua immensa urna, azul e magestosa,
Ha thesoiros sem conta e joias sem rival,
Architectura augusta, esbelta e portentosa,
De velhas cathedraes com fustes de coral.

E' bello o teu bramir, tão cavo e tão profundo,
Que tens ao responder ao choque das procellas,
Imagem d'esta vida, imagem cá do mundo,
Quando rugindo ao largo as vagas encapellas!

. . . . . .
. . . . . .

Eu vejo, ao contemplar-te, erguer-se vaporosa,
A celeste visão que sempre me acompanha,
Visão encantadora, e candida e mimosa,
Como a purpurea luz que teu poente banha.

E quando o manto estende, a noite constellada,
Sobre essa face tua, esse crystal d'anil,
A mesma eu vejo erguer, formosa e perfumada,
Com formas ideaes, espirito gentil.

A brisa inebriante, a viração salina,
Modula a tua voz, qual timida volata,
E, lá na immensidade, esbate-se azulina,
A moldura ideal que teu perfil retracta.

O seu vulto, Oceano, esbates, luminoso,
Na pallidez azul, esculptural estylo,
Que a fronte te modela, o rosto harmonioso,
Lembrando, seductor, as virgens de Murillo.

Por isso te amo, oh! mar, visão tão meiga e doce,
Miragem graciosa ou... sonho e phantasia,
Que teu brando bafejo em sua aza me trouxe,
E da etherea mansão, tremente me sorria!...

. . . . . .
. . . . . .

E', pois, embaladora a tua voz potente,
Este espraiar de vista em tuas solidões,
Que eleva o pensamento aos pés do Omnipotente,
Desdobra e faz lembrar passadas illusões.

¡Salvé, amplidão deserta, oh! magestoso Atlantico!
Salvé, ainda uma vez, sombra do infinito,
Tu que entoas, solemne, um admiravel cantico,
Em harpa secular, em rochas de granito!

Villa do Conde, 17 d'Agosto de 1903.

ANTONIO J. D'ALMEIDA C. LEMOS FERREIRA.

Boletim scientifico

Medicação maritima

Na grande cruzada emprehendida contra esse pavoroso flagello da humanidade em nossos dias — a tuberculose, sobresahe d'um modo notavel a creação dos sanatorios maritimos. Entre nós, por iniciativa de S. M. a Rainha D. Amelia, já existe o sanatorio de Outão, e outro em Carcavellos, devido á philantropia d'uma senhora e d'um medico da localidade.

Effectivamente, a medicação maritima tem uma grande influencia na cura da escrophula, que é o principal preparador do caminho para a tuberculose. A medicação maritima comprehende, principalmente, a residencia prolongada á beira-mar; residencia para se utilisar de todos os beneficios da atmosphera maritima, e prolongada para dar tempo a que esse poderoso modificador vá paulatinamente operando a transformação dos organismos debeis.

Esta influencia consiste na pureza do ar, na presença do ozone na atmosphera, dos ventos continuos que varrem as impurezas, favorecem a evaporação das superficies e activam as exhalações cutaneas, na constancia da temperatura, etc.

E' tão palpavel e tão universalmente reconhecida a efficacia do tratamento maritimo da escrofulose e suas derivadas que em todas as nações, na Europa e na America, existem hospitaes e sanatorios maritimos adoptados para aquelle fim. Em França ha os dois hospitaes de Berk-sur-Mer, o asylo Erland em Nice, o hospital Dollfus em Cannes, os de Cette, Cap-Breton, Arcachon, Peu-Brou, Banylus, Saint-Pol-les-Dunkerque, etc. A Italia tem 22 hospitaes maritimos. Na Allemanha os de Nordorney, de Zoppot, de Kolberg, de Wyk, etc. Na Hollanda os de Scheveningue, de Zeest, de Landvoort, de Wikaan-Zee, etc. Na Austria o de Grado, etc. Na Inglaterra o de Margate que existe desde 1791, de Seaford, de Brigton, de Hastings-Tite, etc. A Russia, a Dinamarca, a Hespanha, a Belgica, os Estados Unidos, a Republica Argentina têm todas as suas estações maritimas.

Demais, os banhos, pela sua acção tonica, derivada da sua temperatura, da densidade e agitação da agua, mórmente com a adjuvante da natação, pódem tambem convergir para o mesmo fim; mas na cura da escrophula o primeiro logar pertence sem contestação á atmosphera maritima, por isso que, ao contrario dos banhos, convém a todas as constituições e a todas as formas da doença, e póde ser respirada em todas as estações.

Os sanatorios são, pois, de grande importancia não já para os propriamente tuberculosos, mas antes para a enorme legião dos candidatos á tuberculose.

Se é certo que todo o individuo é tuberculisavel, quando a sua resistencia organica fraqueja, ha-os que, desde a tenra edade, trazem na fronte a marca de precitos, os estygmas de depauperamento, indicios de grande receptividade para a tuberculose.

As adenopathias tuberculosas, os tumores brancos, o mal de Pott, as osteites tuberculosas, as fungosidades tuberculosas, as suppurações osseas, os lupus, as conjunctivites e outras affecções occulares de natureza escrofulosa, o rachitismo, a anemia, as periostites phlegmonosas, a syphilis hereditaria, e tutti quanti, são outros tantos rotulos que annunciam o descalabro dos organismos que os possuem.

Tudo isto é laborado pelos tres factores principaes da miseria physiologica: trabalho precoce, alojamento insalubre e alimentação insufficiente.

Portanto de todas estas affecções aquella que apresenta maior numero de casos é certamente a escrophula.

Eis como um auctor (H. Monod) a define: «Entre tantos flagellos que dizimam a humanidade existe um cujo nome tem alguma coisa de sinistro, quasi repugnante: é a escrophula. Ella empolga o homem pouco depois do nascimento, modifica-lhe as linhas do rosto, inflamma-lhe as palpebras, suspende-lhe o desenvolvimento, destroe a harmonia entre as diversas partes do seu corpo, desvia a sua columna vertebral, deforma ou ankilosa os seus membros, cobre-os de ulcerações ou de tumores, torna-o inapto para o serviço militar, incapaz de todo o trabalho productivo, condul-o ao limiar da mais terrivel e da mais mortifera das doenças — a tisica — e penetra n'elle tão radicalmente que os seus filhos têm todas as probabilidades de serem escrophulosos como elle.»

A eloquencia d'estas palavras dispensa mais argumentos para demonstrar as affinidades entre a escrophula e a tuberculose, podendo assentar-se que na cura da escrophula está a prevenção de grande numero de casos de tuberculose.

Vamos terminar, pois, por uma rapida historia do estabelecimento dos sanatorios maritimos na Europa.

Foi em 1750 que um medico inglez R. Russel, depois de ter notado a efficacia do tratamento maritimo da escrophula, publicou o resultado das suas observações em um livro que causou sensação na Inglaterra.

O fundamento clinico das suas observações era que as populações da beira-mar, marinheiros e pescadores, eram menos victimados pela escrophula do que as do interior das terras, attribuindo isso á influencia da agua do mar com que aquellas populações, em virtude de suas occupações, estão em continuo contacto.

Depois da publicação d'esse livro é que a aristocracia começou a construir vivendas á beira-mar, e se iniciou o movimento de educação physica da creança pela vida ao ar livre, os exercicios corporaes e as viagens.

D'aqui nasceu a installação de Margate, que com o tempo chegou a receber 250 doentes.

Seguiu-se a Italia á Inglaterra, e é o medico Barellai o seu propugnador. Por iniciativa sua cria-se um hospicio em uma praia perto de Vareggio. Não descansou este verdadeiro apostolo na sua propaganda, quer em conferencias publicas, quer por meio de sollicitações particulares, devendo a isso esta nação possuir na actualidade mais de 20 estabelecimentos maritimos, onde tem sido admittidas mais de 52:000 creanças e curadas, na maior parte, de sua enfermidade».

Em França tambem se nota a sympathica iniciativa particular. São duas mulheres obscuras as que fundam os primeiros nucleos de Cette e Berk.

Sobre o problema da hospitalisação é bom fazer-se a distinção entre um *sanatorio* e um *hospital*, o que corresponde á divisão racional que deve haver entre os doentes em *validos* e *enfermos*.

No *hospital* devem ser internados os *enfermos*—coxalgias, tumores brancos, mal de Pott, suppurações osseas, lesões e deformações graves de rachitismo;—é por isso muito mais dispendioso, porque demanda maior pessoal e installações especiaes.

O *sanatorio* é destinado a recolher os *validos* (pouco doentes) nos quaes se comprehendem os lymphaticos, os anemicos, os escrophulosos levemente affectados, os rachiticos não muito aleijados; é porém muito mais economico, porque basta um pessoal limitado e uma installação simples e não requer os cuidados especiaes d'uma doença.

Póde-se concluir, pois, que o tratamento de creanças e adolescentes, escrophulosas ou soffrendo de estados morbidos constitucionaes, ou, em resumo, o tratamento dos tuberculisaveis tem mais alcance social do que o tratamento da tuberculose.

Dr. ***

Retrospecto da quinzena

—

No dia 2 celebra a Egreja a festa da Purificação de Maria Santissima e Presentação de Jesus no Templo.

A lei obrigava os judeus a offerecerem os filhos primogenitos ao Senhor em reconhecimento do seu dominio supremo sobre as creaturas e como recordação da morte dos primogenitos dos egypcios, da qual foram isemptos os de Israel.

Tambem as mães hebreas eram pela lei reputadas impuras, mal davam á luz, «estando como que excommungadas, diz Bossuet, por sua propria fecundidade, tão desgraçado e sujeito a uma maldição inevitavel era o nascimento dos homens».

Não podiam durante 40 ou 60 dias, segundo o sexo da creança, tocar no objecto sagrado ou entrar no templo.

E' claro que nem Jesus, que era Deus, nem Maria—a Immaculada—que era Mãe de Deus, estavam comprehendidos n'esta lei; no emtanto, obedecem e cumprem á risca as prescripções legaes.

A' vista d'estes exemplos que pretextos podemos allegar quando se trata de observar os mandamentos de Deus e da Egreja?

—

Chegam a Lisboa no proximo dia 6 de fevereiro a bordo do vapor *Germania* os restos mortaes do joven e mallogrado escriptor catholico e distinctissimo critico de arte, Alfredo Serrano, que fallecera em setembro ultimo n'um hospital de Bolonha, quando ia em viagem de estudo na qualidade de correspondente do nosso presado collega *A Palavra*.

Um grupo de amigos e admiradores do talentoso extincto promovera uma subscripção com o fim de trasladar para Portugal os seus restos afim de lhes dar sepultura condigna na patria que elle tanto amara. Esta subscripção attingira uma cifra lisongeira.

Outras manifestações projecta fazer a commissão que a si impoz esta sympathica tarefa, pelo que merece a mais calorosa admiração.

—

Cahiu o ministerio Combes. Desde as primeiras accusações de delação no exercito, dia a dia via crescer a onda de indignação, levantada contra um ministerio que utilisava os meios mais infames a servir no seu programma de perseguição odiosa. Com a morte de Syveton, que, envolvida ainda em mysterio, ia sendo aproveitada para desviar attenções, não se conseguiu pôr-se entraves á opinião e ao sentimento contra a obra do audacioso sectario ás ordens da maçonaria, e a eleição do almirante Bienaimé para preencher a vaga de Syveton no parlamento, foi mais uma surpreza para mais um apaniguado seu. Depois, é eleito Doumer para presidir á camara, sendo derrotado Brisson que ha tantos annos vinha occupando aquelle logar sem opposições serias. Doumer declara-se anti-governamental, e esta attitude da camara, elegendo o em taes circumstancias, era demasiado significativa para Combes. Este tentou ainda experimentar as suas forças com as votações de confiança, mas teve de chamar os ministros seus collegas, para não soffrer logo uma derrota vergonhosa. N'esta conjunctura não havia que esperar mais, e quando o espantalho da reacção ou a trombeta da defeza da republica, já não conseguiam illudir ninguem, o apostata teve de ceder, e caiu. Foi miseravel a queda, depois da vida atribiliaria que levou; mas, cego e mau, ainda ao cair gritou desesperado, a vêr se o echo do seu desespero, obrigava os que lhe acceitassem a herança a seguirem o caminho que elle havia traçado. E este grito ha-de produzir seus naturaes effeitos; mas temos por certo que, embora radical o gabinete que sobrevier, a obra de Combes não irá ao fim, e elle poderá e terá de repetir no mais acceso do seu furor as palavras de Juliano—*venceste, Galileu!*

—

Acaba de fallecer na Italia, em uma parochia perto de Napoles, o rev.º Padre Melli, antigo missionario em Portugal.

Todo o nosso norte conhece o saudoso extincto, pois que juntamente com os Padres Rademaker e João Rebello, que morreu Arcebispo de Larissa, contribuiu largamente para a sua evangelisação.

Todos nós lhe somos devedores d'uma divida eterna de gratidão. Se era italiano por origem, era portuguez pelo coração. Qualquer iniciativa que tivesse por fim reclamar os seus restos para repousarem n'esta terra que elle tanto amou, seria muito bem acolhida e apoiada. Entretanto elevemos as nossas preces pelo eterno descanço do saudoso finado.

—

Em Amsterdam celebrou-se ha pouco um Congresso Socialista internacional, e entre os membros que tomaram parte n'elle contam-se estes *pobresinhos*, pelos quaes sollicitamos uma esmolla aos seus irmãos socialistas.

Eduardo Vaillant, proprietario francez que possue uma fortuna de 1.500:000 francos.

Paulo Lafargue, publicista francez, que conta, além da sua renda annual de livreiro, com um capital de francos 1.200:000.

Van Koll, hollandez, commerciante em madeiras, que tem ganho de 4 a 5 milhões.

Vandervelde, belga, proprietario que administra francos 4.800:000 e possue um yacht e boas casas para inverno em diversas partes.

Bebel, poderoso industrial allemão, que possue um magnifico palacio sobre o lago Zurich e tres milhões de marcos.

Singer, fabricante de calçado e terrivel industrial, que não teria vontade de morrer por sete milhões de marcos.

Estes são os que movem guerra ao capital e á propriedade... das ordens religiosas!...

—

O Primeiro de Janeiro, occupando-se da machina-sol, descoberta do nosso presado amigo, rev.mo Padre Himalaya, diz o seguinte:

«O Phyrhiolophoro, ou machina-sol da invenção do Padre M. A. G. Himalaya, um joven presbytero portuguez, que foi exposta na Feira do Mundo, gera um calor de 7:000 graus Fahrenheit (3:871 gr. centigrados).

Essa machina veio para S. Luiz acompanhada pelo inventor e pelo capitão d'artilheria portugueza Francisco Xavier de Brito, de Lisboa, em abril passado.

A sua montagem, n'uma elevação que fica na rectaguarda do edificio destinado aos peixes, caça e productos florestaes, levou mais de cinco mezes.

A' primeira experiencia da machina feita pelo Padre Himalaya assistiram o ministro de Portugal e commissario geral da exposição. Apesar de n'esse momento o sol se achar em parte encoberto por um denso nevoeiro, obtiveram-se n'esta experiencia mais de 7:000 gr. Fahrenheit de calor. Fundiu ferro, e fundiria tambem magnesia se o sol n'esse momento não fôsse subitamente toldado pelas nuvens.

O Padre Himalaya mostra-se satisfeitissimo com os resultados obtidos. Sabe já agora o melhor caminho a seguir para utilisação da machina do seu invento a applicações industriaes.

Além de muitas deducções scientificas deveras interes-

santes, que as suas experiencias quotidianamente confirmam, o Padre Himalaya chegou ás seguintes novas descobertas.

1.ª o calor do sol é absolutamente d'origem electrica:

2.ª a intensidade dos raios que produz a irradiação solar é muito maior do que a do arco voltaico;

3.ª a machina-sol revela a procedencia da energia electrica que tem influencia entre o calor do sol e das estrellas;

4.ª a machina deixa entrever o caminho a seguir para transformar directamente os raios do sol em energia electrica.

E' esta a quarta machina-sol que o Padre Hymalaia construiu. As tres primeiras foram feitas em Lisboa e Pariz.

Noticias posteriores dizem-nos que o rev. Padre Hymalaia alcançou o *Grand Prix* na exposição e que os jornaes americanos proclamam o seu invento como rival dos de Edison.

O nosso numero commemorativo

(Apreciações da imprensa)

«**O Progresso Catholico**».—Numero 24 do anno XXVI. E' exclusivamente consagrado á commemoração jubilar da definição dogmatica da Immaculada Conceição. Brilhantemente illustrado, distinctamente collaborado, maravilhosamente impresso em duas côres, em tudo primoroso, é um número que, patenteando as ideias religiosas e sentimentos devotos de quem promoveu a sua publicação, acredita sobremodo as officinas typographicas do snr. José Fructuoso da Fonseca, em que foi elaborado. E' uma das mais distinctas publicações que em Portugal sairam a lume para commemorar o jubileu da Immaculada Conceição. —(*A Restauração*).

«**O Progresso Catholico**».—Apreciavel revista religiosa e scientifica, deu na 5.ª feira ultima, a proposito do 50.º anniversario do dogma da Immaculada Conceição, um numero especial, brilhantemente collaborado e com distinctas illustrações.—(*Campeão das Provincias*).

Entre os numeros commemorativos que varios periodicos publicaram em memoria do jubileu da Immaculada Conceição merece elogios o do *Progresso Catholico* do Porto. Impresso em fino papel, a duas côres, com boa illustração e collaboração de varios escriptores illustres, é realmente digno de archivar-se entre as memorias d'este anno jubilar.—(*Voz de Santo Antonio*).

Numeros unicos.—Todos os jornaes catholicos publicaram numeros unicos dedicados á Immaculada Conceição. Já fizemos especial menção da *Voz de Santo Antonio* no seu numero de junho e bem a merece tambem o *Progresso Catholico* do Porto que nos offerece um opusculo com magnificos artigos dos nossos Prelados e principaes escriptores catholicos em primorosa e muito bem illustrada impressão.—(*Legionario de Maria*).

«**O Progresso Catholico**».—Este nosso distincto collega portuense publicou um bello numero commemorativo do 50.º anniversario da definição dogmatica, no dia 8 de dezembro, collaborado por laureados escriptores, e em formosa edição.—(*Voz da Verdade*).

ANNUNCIOS

FLORES A S. JOSÉ

MEDITAÇÕES PARA O SEU MEZ

OU

QUALQUER TEMPO DO ANNO

COM

Exemplos apropriados, colloquios, etc.

Extrahidas das Sagradas Escripturas
Sanctos Padres e Douctores da Egreja
e outros eminentes auctores

E

Coordenada por A. L. F.

Preço, 200 réis

O MEZ DE S. JOSÉ

A VIOLETA DE MARÇO

VERTIDO D'UM LIVRO ALLEMAO POR

CARLOS H. PIEPER

REVISTA PELO

Dr. Theologo Domingos de Souza Moreira Freire

—*—

Com permissão do Em.mo Snr. Cardeal D. Americo, Bispo do Porto

PREÇO 160 REIS

IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada com notas por

MONSENHOR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo Ex.mo e Rev.mo Snr.

D. ANTONO, BISPO DO PORTO

Preços:

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas douradas. . . .	500 »
Em chagrin, douradas	1$000 »

VIDA

DO

GLORIOSO PATRIARCHA S. JOSÉ

Extrahida e reduzida a compendio
do que escreveram os Sagrados Evangelistas,
Santos Padres e varões pios

PELO

Padre João Baptista de Castro

Preço . . . **500** reis

Pedidos á typ. Catholica de J. F. da Fonseca—Rua da Picaria, 74—PORTO.